

# O Feminino nas Manufaturas Brasileiras\*

Hildete Pereira de Melo\*\*

## **Introdução**

O crescimento da participação feminina na força de trabalho brasileira é um fenômeno que na última década tem sido muito estudado (Lavinias, L., 1997; Wajnman, S. & Perpétuo, I.H., 1997; Lavinias, L. & Linhares, L. B., 1996; Barros, R. & Jatobá, J., & Mendonça, R. 1995, Bruschini, C., 1995; Abreu, A., & 1993) e a mesma tendência ocorreu em todo o continente latino-americano (Abramo & Armijo, 1997). No Brasil a taxa de participação feminina no mercado de trabalho, cresceu cerca de 13 pontos percentuais entre 1950 e 1980, chegando nos anos noventa a beirar os 40%; nas regiões metropolitanas esta taxa de participação atingiu 44,53% (PME/IBGE), e tudo indica que continuará crescendo nos próximos anos (Barros, R., et alii, 1995).

No entanto, essa entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, não foi acompanhada de uma diminuição das desigualdades profissionais entre os sexos. O emprego feminino continua sendo concentrado em alguns setores de atividades, e agrupado em um pequeno número de profissões, embora numa menor proporção, e esta segmentação é a base das desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Esta realidade pode esconder um aspecto importante com relação à ocupação feminina: como as mulheres não chegam a ter uma profissão tão clara como os homens, mas aceitam participar do mercado de trabalho em ocupações pouco definidas e menos especializadas, talvez seja esse aspecto perverso que explique em parte a manutenção de seu patamar de participação na indústria de transformação.

Foi com essa preocupação que esse trabalho foi realizado; primeiro examina-se no período 1985/95 a evolução do emprego industrial, utilizando as tabulações especiais da PNAD/IBGE, informações desagregadas por sexo e pelos diferentes ramos da indústria de transformação, na segunda analisa-se a dinâmica dessa absorção, olhando pelo prisma do feminino.

## **1. Onde estão as mulheres?**

Uma das questões mais interessantes dessa discussão sobre a violenta reestruturação produtiva da indústria de transformação nacional é que as mulheres ao longo dos últimos doze anos (1985/1997) mantiveram sua taxa de participação no mesmo patamar, a despeito da retração do emprego industrial: em 1985 a taxa de participação feminina era de 26,35% e em 1997 atingiu 28,13% (PNAD/IBGE). Ao contrário do que seria esperado, essa reestruturação industrial não produziu uma "*volta ao lar*" das trabalhadoras industriais, mas estas ainda ampliaram um pouco sua participação no mercado de trabalho manufatureiro.

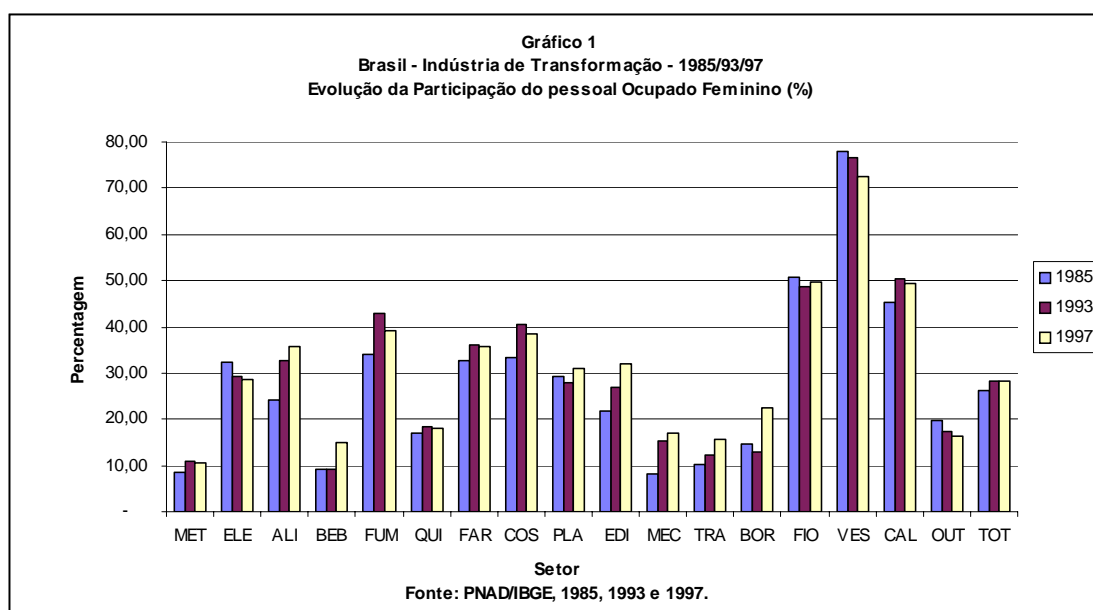
A tabela 1 e seu respectivo gráfico 1 mostram a evolução da participação feminina pelos diversos ramos industriais. Ao longo dos últimos doze anos, nota-se que a tradicional participação nas indústrias têxtil/calçados (fio/tecido, vestuário e calçados) ainda permanecem como o grande *locus* de trabalho feminino, levando em conta a participação dos dois sexos na divisão do trabalho, em todos esses ramos industriais a taxa de participação feminina é cerca de 50%, ou mais, do total dos trabalhadores de cada uma dessas indústrias. Considerando o complexo químico, fármaco, cosmético e plásticos tem-se a segunda grande concentração de mão-de-obra feminina. Nos demais ramos industriais a taxa de participação feminina oscila, com a menor taxa de participação feminina na metalurgia (10,38%), até participações intermediárias entre 30% e 40%, como são os casos das indústrias de produtos alimentícios, fumo e editorial/gráfica.

**Tabela 1**  
**Brasil – Indústria de Transformação – 1985/93/97**  
**Distribuição Percentual do Pessoal Ocupado segundo o Sexo**

Setor	1985		1993		1997	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Metalurgia	91,48	8,52	89,00	11,00	89,62	10,38
Mat. Elétrico /Comunic.	67,54	32,46	70,65	29,35	71,25	28,75
Prod. Alimentícios	75,90	24,10	67,45	32,55	64,39	35,61
Bebidas	90,95	9,05	90,92	9,08	85,13	14,87
Fumo	65,92	34,08	57,02	42,98	60,97	39,03
Química	82,96	17,04	81,54	18,46	82,06	17,94

Farmacêutico	67,16	32,84	64,07	35,93	64,11	35,89
Cosméticos/Perfumaria	66,80	033,20	59,38	40,62	61,63	38,37
Mat. Plástico	70,87	29,13	72,07	27,93	69,05	30,95
Editorial/Gráfica	78,23	21,77	73,27	26,73	67,96	32,04
Mecânica	91,79	8,21	84,74	15,26	82,89	17,11
Mat. De Transporte	89,72	10,28	87,88	12,12	84,35	15,65
Borracha	85,29	14,71	87,07	12,93	77,45	22,55
Fio/Tecido	49,24	50,76	51,17	48,83	50,35	49,65
Vestuário	22,04	77,96	23,34	76,66	27,59	72,41
Calçado	54,74	45,26	49,50	50,50	50,70	49,30
Outros	80,11	19,89	82,48	17,52	83,53	16,47
Total	73,65	26,35	71,67	28,33	71,87	28,13

Fonte: IBGE/PNAD, 1985, 1993 e 1997, tabulações especiais Melo, 1999.



Olhando por outro prisma, isto é, para a forma de distribuição da força de trabalho feminina na indústria de transformação: tem-se uma visão um pouco diferente das expressas pela tabela e gráfico 1. A tabela 2 mostra esta distribuição; observa-se que em 1997, o maior contingente de mulheres nas fábricas está alocado na indústria de produtos alimentícios, seguido da indústria do vestuário, estes dois setores concentram, cerca de 41,84%, da mão-de-obra feminina. A dificuldade para analisar a absorção de trabalhadoras pela indústria de produtos alimentícios é sua diversificação. Sua produção não é homogênea, o segmento é formado por um elevado número de empresas altamente heterogêneas. Como os processos produtivos são bastantes diferenciados, incluem moinho de trigo, milho, mandioca, café, padaria/confeitaria, usina de açúcar, laticínios, abate e preparação de carnes. São segmentos industriais muito díspares. A principal característica desse setor é possuir relações trabalhistas

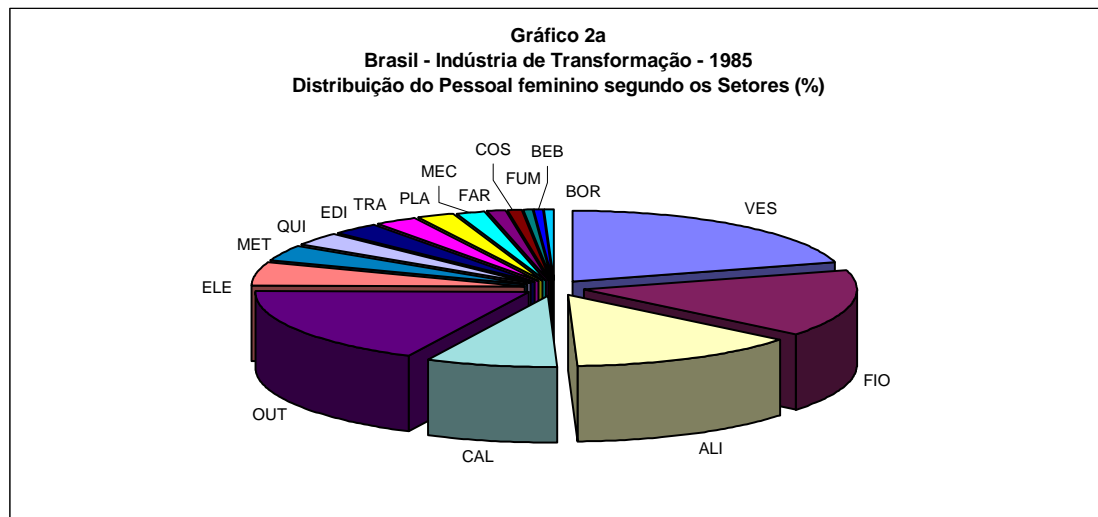
relativamente precárias, mão-de-obra pouco qualificada e gigantescas externalidades positivas em termos de bem-estar; aparentemente esta indústria permite uma ponte entre o meio rural e o urbano, o que facilita estes arranjos diferenciados nas relações trabalhistas. Nesses anos, esta indústria tem passado por grandes mudanças, quanto à melhoria da qualidade e barateamento dos seus produtos, com profundas implicações sobre a cesta básica de consumo e a competitividade de seus mercados. Há uma acirrada competição entre as empresas gigantes do setor para aumentar sua participação no mercado brasileiro e mundial e um segmento pulverizado de pequenas empresas atendendo o mercado doméstico. De qualquer maneira, este ramo industrial isoladamente absorve o maior contingente de trabalhadores feminino e masculino como mostra a tabela 2; para o caso masculino isso já era verdade para o ano de 1985. Continuando a análise da distribuição da força de trabalho feminina, nota-se que em 1985, era um pouco diferente: vestuário era a primeira ocupação feminina, seguida de fio/tecido, com cerca de 36% das trabalhadoras industriais do país; agregando o terceiro setor, isto é produtos alimentícios, a concentração chegava a 49,34%. Este número é bastante significativo porque estes três setores industriais empregavam aproximadamente 50% do total das trabalhadoras industriais. Voltando nosso olhar para o ano de 1997, temos por um lado o crescimento da concentração de trabalhadoras na indústria de alimentos, e uma retração nas indústrias tradicionais femininas (têxtil/vestuário), expressando a dramática reestruturação e falência das têxteis nacionais ao longo do período. Seguramente a abertura comercial que iniciou-se com o Governo Collor e a sobrevalorização cambial do Plano Real destruíram milhares e milhares de postos de trabalho no setor têxtil do país. Os gráficos 2a e 2b permitem ao leitor visualizar estas situações para os anos de 1985 e 1997.

**Tabela 2**  
**Brasil - Indústria de Transformação - 1985/93/97**  
**Distribuição Percentual do PESSOAL Ocupado por Sexo segundo os Setores**

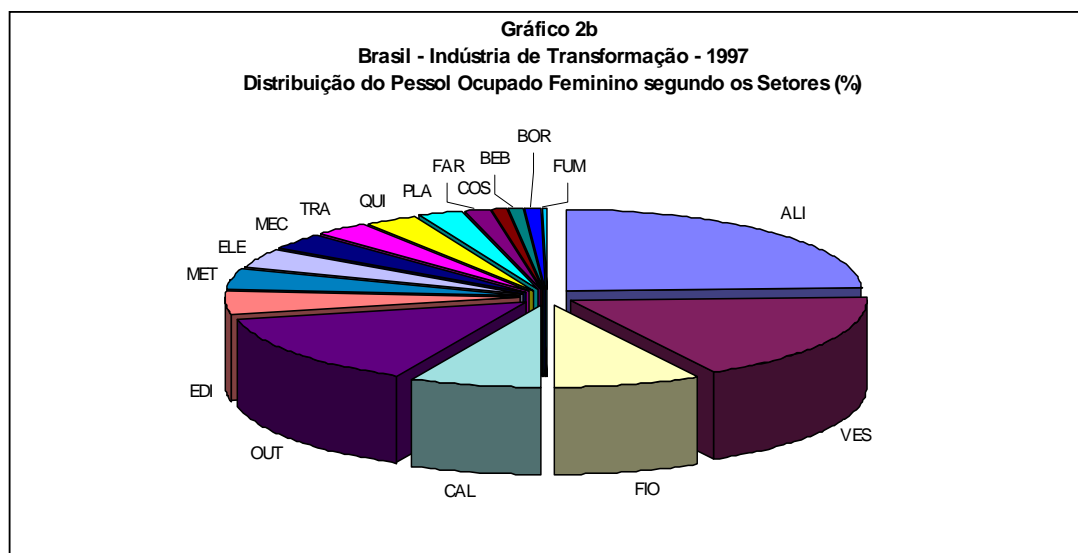
Setor	1985		1993		1997	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Metalurgia	13,96	3,64	12,92	4,04	13,13	3,89
Mat. Elétrico /Comunic.	3,88	5,21	2,98	3,13	3,72	3,83
Prod. Alimentícios	15,11	13,41	16,71	20,41	17,30	24,44
Bebidas	2,00	0,56	2,05	0,52	1,91	0,85
Fumo	0,42	0,60	0,28	0,53	0,20	0,33
Química	5,54	3,18	4,96	2,84	5,03	2,81
Farmacêutico	0,80	1,10	0,72	1,02	0,83	1,18
Cosméticos/Perfumaria	0,62	0,86	0,77	1,33	0,66	1,05
Mat. Plástico	2,01	2,31	2,25	2,21	2,27	2,60
Editorial/Gráfica	3,33	2,59	3,66	3,38	4,00	4,82
Mecânica	6,27	1,57	4,49	2,05	6,34	3,34

Mat. de Transporte	8,04	2,58	7,19	2,51	6,26	2,97
Borracha	1,14	0,55	1,31	0,49	0,89	0,66
Fio/Tecido	5,29	15,24	4,49	10,84	3,20	8,07
Vestuário	2,09	20,69	2,43	20,22	2,60	17,40
Calçado	3,37	7,78	3,36	8,67	2,92	7,27
Outros	26,13	18,13	29,44	15,82	28,74	14,48
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE/PNAD, 1985, 1993 e 1997, tabulações especiais Melo, 1999.



Fonte: PNAD/IBGE, 1985.



Fonte: PNAD/IBGE, 1997.

Analisando a trajetória da mão-de-obra masculina, observa-se que esta é menos concentrada nos setores industriais. A taxa de participação no setor “*Outros*” não deve ser levada em consideração porque expressa uma agregação de vários segmentos

industriais; assim, alimentos e metalurgia respondem em 1997 por 30,43% da força de trabalho masculina, são taxas ligeiramente menores do que as das mulheres. Em 1985 estas mesmas indústrias respondiam por 29,07% da mão-de-obra fabril masculina. O mais importante nessa questão é que em todos os demais ramos industriais a taxa de participação dos homens é de maneira geral mais pulverizada.

## **2. A dinâmica da ocupação feminina**

A tendência do emprego feminino na última década pode ser vista pelas informações da tabela 3. Esta tabela ressalta a importância da entrada das mulheres nas indústrias mecânica, editorial/gráfica e alimentícia, com taxas de expansão significativas no longo período (1985/97) e as ocupações nestas indústrias mantêm este desempenho entre 1985/93 e 1993/97; apenas a indústria de alimentos apresenta taxas de crescimento menores do que as duas primeiras.

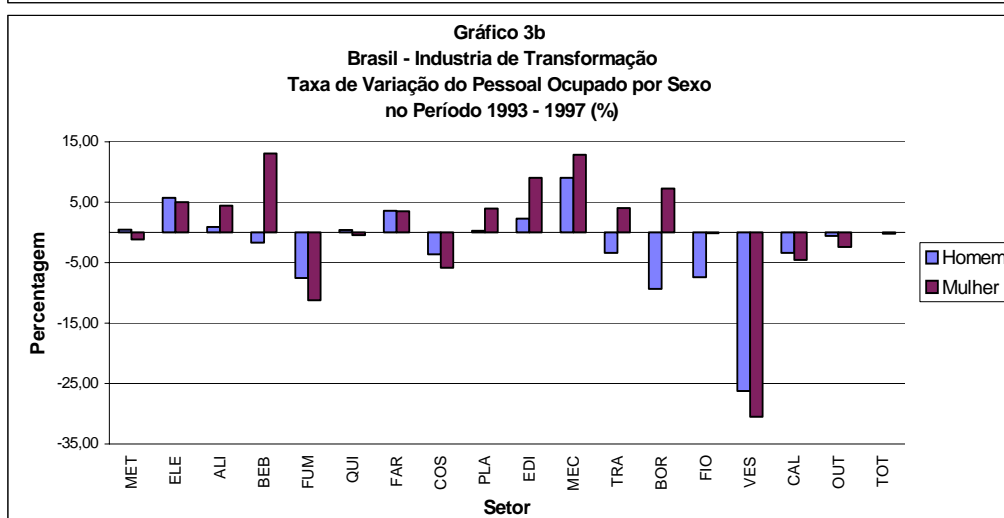
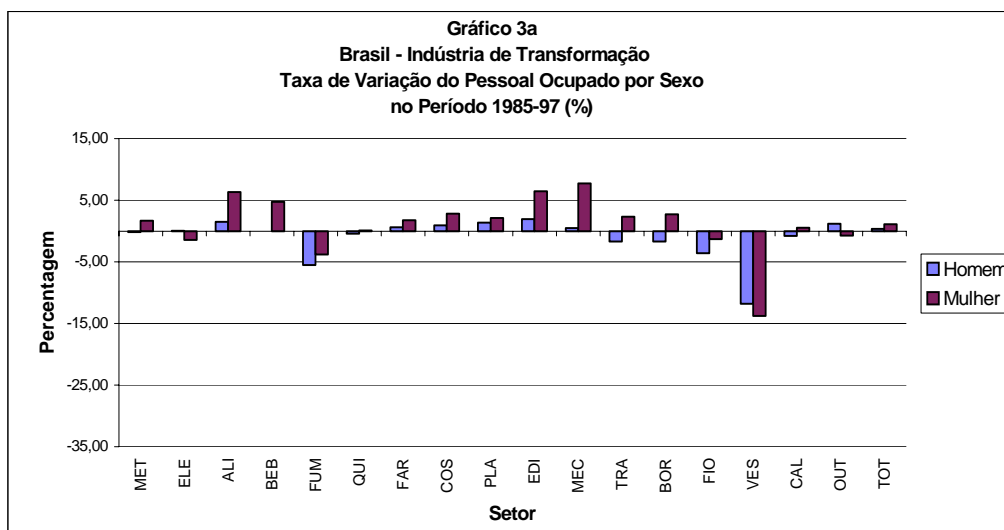
A dinâmica do processo industrial pode ser visualizada nos gráficos 3a e 3b e nas tabelas 3,4,5 e 6. Nos gráficos 3a e 3b pode ser observado que nas indústrias de vestuário, fio/tecido, fumo foram fechados postos de trabalho tanto para homens como para as mulheres, sendo que na indústria do vestuário a queda no período atinge quase 15% para as mulheres e 12% para os homens. A crise da indústria de vestuário foi mais acentuada durante os anos 1993/97, como consequência da política cambial de sobrevalorização do real - esta indústria teve uma taxa negativa de crescimento de -30,54% para as mulheres e de -26,26 para os homens (tabela 3), tendo sido esta crise mais pesada nos anos pós-Plano Real, com a pesada concorrência de produtos asiáticos. Como neste ramo mais de 70% dos trabalhadores são mulheres, foi um grande contingente feminino despedido nos anos noventa como demonstra a tabela 3. Um pouco diferente é o caso dos têxteis, esta indústria apresenta taxas de crescimento negativas para ambos os sexos. Pode-se pensar que houve mesmo uma preferência pela retenção da mão-de-obra feminina (ver tabela 3 e gráfico 3a) no setor, o que não chega a ser uma novidade, em se tratando da indústria têxtil, tradicional reduto da força de trabalho feminino desde os primórdios do processo industrial.

**Tabela 3**  
**Brasil - Indústria de Transformação - 1985/93/97**

### Percentual de Variação do Pessoal Ocupado segundo o Sexo

Setor	Período 1985-93		Período 1993-97		Período 1985-97	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Metalurgia	-0,42	3,52	0,43	-1,17	-0,14	1,69
Mat. Elétrico /Comunic.	-2,48	-3,84	5,74	4,98	0,02	-1,43
Prod. Alimentícios	1,94	9,44	0,89	4,39	1,51	6,31
Bebidas	0,84	0,88	-1,68	13,08	-0,02	4,77
Fumo	-3,82	0,15	-7,53	-11,23	-5,49	-3,80
Química	-0,82	0,37	0,41	-0,46	-0,43	0,09
Farmacêutico	-0,81	0,90	3,54	3,50	0,60	1,74
Cosméticos/Perfumaria	3,72	9,82	-3,61	-5,85	0,95	2,86
Mat. Plástico	2,10	1,27	0,24	3,95	1,38	2,12
Editorial/Gráfica	1,84	6,31	2,28	9,04	1,92	6,49
Mecânica	-3,16	6,32	9,06	12,83	0,46	7,72
Mat. De Transporte	-0,83	1,55	-3,40	4,04	-1,71	2,32
Borracha	2,57	0,48	-9,36	7,25	-1,70	2,68
Fio/Tecido	-1,42	-2,24	-7,37	-0,11	-3,57	-1,31
Vestuário	2,68	1,60	-26,26	-30,54	-11,81	-13,79
Calçado	0,52	3,57	-3,38	-4,53	-0,80	0,55
Outros	2,21	0,08	-0,57	-2,40	1,17	-0,75
Total	0,55	1,92	0,03	-0,21	0,37	1,13

Fonte: IBGE/PNAD, 1985, 1993 e 1997.



Fonte: PNAD/IBGE, 1985, 1993 e 1997.

Dividindo a década temos algumas alterações na evolução do emprego:

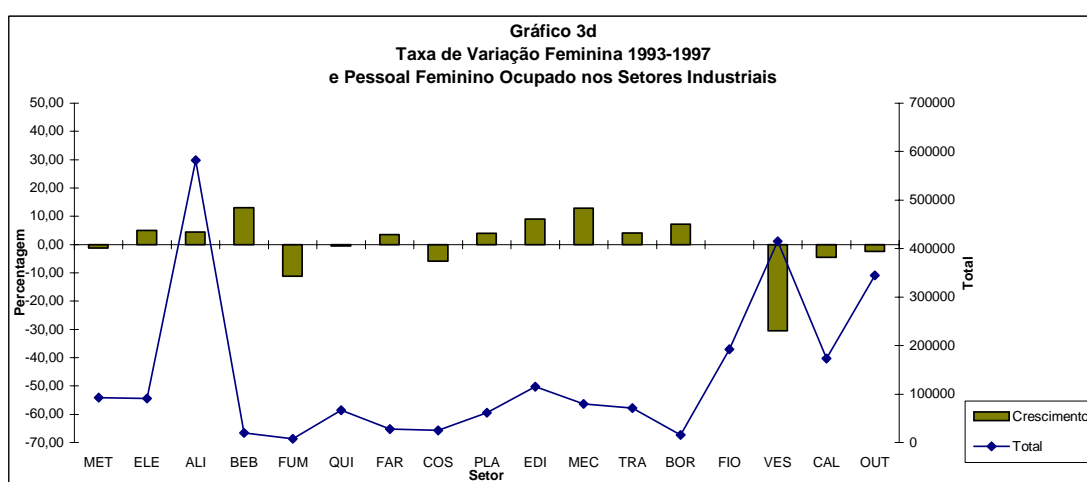
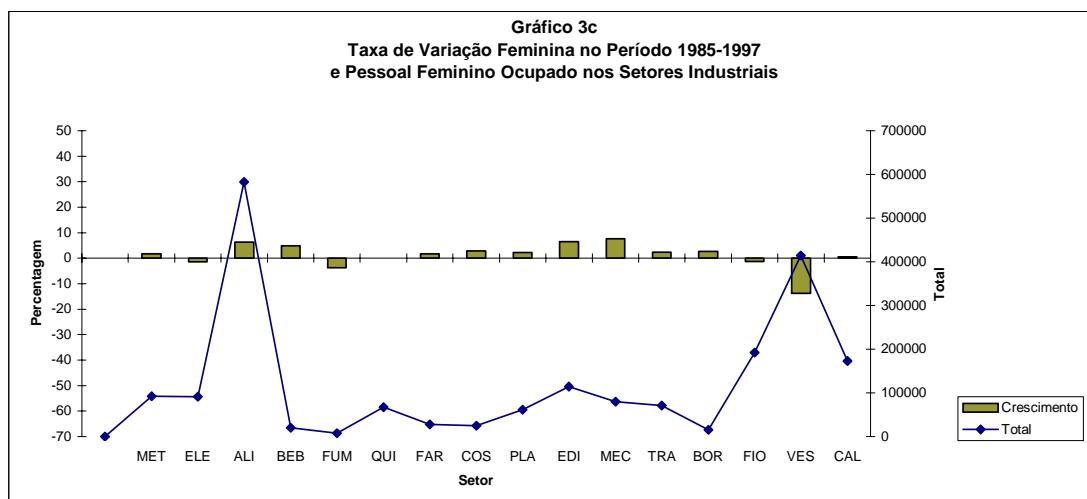
- (i) - nos anos 1985/93 expandiu-se o emprego das mulheres nas indústrias de cosméticos e bebidas, seguidas de mecânica e editorial/gráfica. É preciso deixar claro que os ramos de mecânica e bebidas tiveram as maiores taxas de crescimento do período como atesta o gráfico 3b; mesmo que haja um efeito estatístico devido ao pequeno número de mulheres ocupadas nestas indústrias, mesmo assim o caso da indústria mecânica é interessante e instigante da nova inserção feminina no processo manufatureiro;
- (ii) - a maior retração da indústria manufatureira compreende os anos 1993/97; o



crescimento foi menor para a maioria dos ramos industriais como mostra a tabela 3, mas a absorção de mulheres manteve-se no mesmo patamar;

Em algumas indústrias os homens perderam postos de trabalho para as mulheres como em material de transporte, borracha, têxtil e bebidas. As mulheres por sua vez tiveram mais demissões em vestuário, fumo, cosméticos e calçados. A única indústria em que a taxa foi negativa, apenas para as mulheres, foi a metalurgia (ver gráfico 3b).

Para melhor entender esta dinâmica do mercado de trabalho industrial no que diz respeito à absorção de mulheres, gráficos específicos foram feitos incorporando o crescimento por ramo e mostrando o número de trabalhadoras de cada um desses segmentos. O resultado está expresso no gráfico 3c, onde fica explícita a importância da indústria de alimentos e a de vestuário como empregadoras das mulheres, seguidas de têxtil e calçados. Para melhor ilustrar a reestruturação dos anos noventa o gráfico 3d mostra para os anos 1993/97 o comportamento do emprego feminino relacionado com o nível de ocupação de cada indústria. Fica mais nítida a acentuada queda de vestuário, calçados, plásticos e fumo.



Fonte: PNAD/IBGE, 1985, 1993 e 1997.

## **O que se pode concluir?**

No contexto em que se realiza a nossa pesquisa a participação feminina no mundo industrial manteve seu patamar histórico de meados da década de oitenta. Embora tenham havido mudanças, as mulheres permaneceram na indústria até numa proporção um pouco superior à de meados dos anos oitenta. Esta redução no período 1997/1985, teve a seguinte dinâmica: as indústrias de calçados, têxtil, borracha, material de transportes, química, fumo e material elétrico e de comunicações fecharam 364.134 postos de trabalho, embora no total a indústria de transformação tenha criado 564.498 novos postos nos demais ramos industriais, basicamente em produtos alimentícios, outros e editorial gráfica; isto é, o saldo líquido foi de 200.364 postos de trabalho. Os homens perderam postos de trabalho em têxtil, material de transportes, calçados, química, metalurgia e fumo; as mulheres em têxtil, outros, material elétrico e de comunicações, vestuário e fumo. Em alguns ramos a dinâmica foi idêntica para ambos os sexos, mas isso não corresponde ao movimento geral da atividade manufatureira. As mulheres tiveram saldo positivo e os homens negativo na metalurgia, bebidas, química, material de transportes, borracha e calçados. O contrário aconteceu nos ramos de material elétrico e de comunicações, vestuário e outros.

As mudanças dos últimos doze anos analisados neste trabalho na estrutura do emprego fabril e a dinâmica positiva da absorção feminina na indústria de transformação levanta algumas indagações. Estas ligam-se a dois momentos: primeiro, o processo recessivo combinado com a abertura comercial com a entrada de produtos importados produziu um impacto negativo sobre o nível da atividade industrial, com redução do emprego e mudanças organizacionais objetivando a racionalização dos custos de produção e modificações nos produtos. Segundo, devido à maior exposição à concorrência internacional as empresas industriais implantaram estratégias de modernização com mudanças no perfil ocupacional dos trabalhadores, aumento da escolaridade e do treinamento profissional e técnico; sobretudo, nos últimos anos da década de noventa houve um aprofundamento na utilização de técnicas e métodos de gestão da produção. A utilização de novas tecnologias de organização da produção e de gerenciamento tornaram menos pesada a rotina dos operários (as). Diversas funções no mundo fabril são feitos atualmente por robôs, que

fazem inclusive solda a laser, tornando possível o emprego feminino. Estas mudanças, além da melhor escolarização e da queda da taxa de fecundidade, colaboraram para que as empresas industriais vejam com bons olhos equipes mistas na linha de produção; estas razões são apontadas pelos diretores das empresas. Vejamos o caso da montadora de automóveis Renault, na região metropolitana de Curitiba seu diretor de recursos humanos afirma que a meta da empresa, que já emprega 20% de trabalhadoras, é atingir no final do ano 2000 30% de operárias na fábrica, eis as razões: “elas têm grande facilidade de memorização, são dedicadas e caprichosas quando executam suas tarefas, inclusive no acabamento. [...] Além de serem muito preocupadas com o uso de equipamentos de segurança, como capacetes, elas raramente faltam. Não apresentam problemas com álcool, o que não ocorre com metalúrgicos” ( Correio Brasiliense, 15 de agosto de 1999).

## **Bibliografia**

ABRAMO, L & ARMIJO, M., Cambio Tecnológico y el Trabajo de las Mujeres, em *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, vol 5 nº 1/1997.

ABREU, Alice R.P., “Mudança Tecnológica e Gênero no Brasil: primeiras reflexões”, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 35, março de 1993;

BRASIL, *Boletim do Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise*, Brasília, MTb/IPEA, fevereiro de 1998, nº 7 e junho de 1999, nº10;

BRASIL, IBGE, PNADs, Tabulações Especiais, 1985, 1993, 1996, 1997;

BARROS, R.P., & JATOBÁ, J., & MENDONÇA, R., “A evolução da participação da Mulheres no mercado de trabalho: uma análise de decomposição”, *Anais*, Associação Brasileira de Estudos do trabalho, ABET, Rio de Janeiro, 1995, vol. II;

\_\_\_\_\_, & CAMARGO, J.M., & MENDONÇA, R., “A estrutura do Desemprego no Brasil, em **A Economia Brasileira em Perspectiva 1998**, Brasília, IPEA, 1998, vol.2;

BRUSCHINI, C., “Desigualdades de gênero no mercado de trabalho brasileiro: o trabalho da mulher nos anos oitenta”, em **O Trabalho no Brasil no limiar do século XXI**, São Paulo, LTr., 1995;

CAMARANO, Ana Amélia & BELTRÃO, K.I., “O Idoso no Mercado de Trabalho”, em *Como vai? População Brasileira*, Brasília, IPEA, ano III, nº 3, dez/1998.

CARVALHO, R.Q., “Capacitação tecnológica limitada e uso do trabalho na indústria brasileira”, em *Trabalho, globalização e tecnologia, São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 8 nº 1, jan/mar. 1994;

DEDECCA, Claudio S., “Emprego e Qualificação no Brasil dos anos 90”, em *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, dezembro de 1998;

\_\_\_\_\_, & ROSANDISKI, E., “Retração do Nível e Mudança na Estrutura de Emprego Formal Brasileiro – 1989-93” , em *Anais do XXV Encontro Nacional de Economia*, ANPEC, Recife, 1997;

FEIJÓ, C. & GONZAGA, P.M., “Produtividade na indústria brasileira: evidências recentes”, *Revista de Indicadores de Qualidade e Produtividade*, Brasília, Ipea, 1994;

JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 15 de agosto de 1999;

JORNAL GAZETA MERCANTIL, 15 de setembro de 1999

LAVINAS, L., “Emprego Feminino: O que há de Novo e o que se Repete”, em *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, IUPERJ, vol.40, nº 1, 1997;

LAVINAS, L. & LINHARES, L. B., “Mudanças na Sociedade Salarial, Regulamentação e Emprego Feminino”, *Anais da ABEP*, vol. 1, 1996;

LAVINAS, Lena, “Evolução do Desemprego Feminino nas Áreas Metropolitanas”, em *Revista Economia e Sociedade*, Unicamp/IE, Campinas, 1999 (no prelo);

MELO, Hildete Pereira de, “De Criadas a Trabalhadoras”, em *Revista de Estudos Feministas*, FCS/UFJ, vol. 6, nº 2/1998;

RAMOS, Lauro & REIS, J.G. Almeida, “Emprego no Brasil nos Anos 90”, Rio de Janeiro, IPEA, TD nº 468, março de 1997;

SABÓIA, João, “Mudanças Estruturais e Emprego Industrial no Brasil”, Rio de Janeiro, IE/UFRJ, Textos para Discussão, nº 418;

SALM, C., & SABÓIA, J., & CARVALHO, P.G.M de, “Produtividade na Indústria Brasileira – Uma contribuição ao Debate”, Rio de Janeiro, IE/UFRJ, Textos para Discussão nº 376;

WAINMAN, Simone & PERPÉTUO, Ignez Helena, “A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho formal brasileiro”, em *Nova Economia*, Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG, v.7, nº 1, maio de 1997;